

O PENSAMENTO DO PAPA BENTO XVI, SEGUNDO O CARDEAL RATZINGER

O anúncio de Cristo e seu Evangelho em um mundo relativista é para o novo Papa, Bento XVI, um dos desafios centrais da Igreja.

Foi o que explicou o cardeal Joseph Ratzinger, prefeito da Congregação vaticana para a Doutrina da Fé, neste encontro com jornalistas, em 30 de novembro de 2002, ocorrido na Universidade Católica Santo Antonio de Múrcia, ao participar no Congresso Internacional de Cristologia.

Alguns interpretam em muitas ocasiões o fato de anunciar a Cristo como uma ruptura no diálogo com as demais religiões. Como é possível anunciar a Cristo e dialogar ao mesmo tempo?

Cardeal Ratzinger: Diria que hoje realmente se dá um domínio do relativismo. Quem não é relativista parece que é alguém intolerante. Pensar que se pode compreender a verdade essencial é visto já como algo intolerante. Mas na realidade esta exclusão da verdade é um tipo de intolerância muito grave e reduz as coisas essenciais da vida humana ao subjetivismo. Deste modo, nas coisas essenciais já não teremos uma visão comum. Cada um poderá e deverá decidir como pode. Perdemos assim os fundamentos éticos de nossa vida comum.

Cristo é totalmente diferente a todos os fundadores de outras religiões, e não pode ser reduzido a um Buda, ou a um Sócrates, ou um Confúcio. É realmente a ponte entre o céu e a terra, a luz da verdade que se apresentou a nós. O dom de conhecer Jesus não significa que não tenha fragmentos importantes de verdade em outras religiões. À luz de Cristo, podemos instaurar um diálogo fecundo com um ponto de referência no qual podemos ver como todos estes fragmentos de verdade contribuem a um aprofundamento de nossa própria fé e a uma autêntica comunhão espiritual da humanidade.

O que o senhor diria a um jovem teólogo? Que aspectos da cristologia lhe aconselharia estudar?

Cardeal Ratzinger: É importante, antes de tudo, conhecer a Sagrada Escritura, o testemunho vivo dos Evangelhos, tanto dos sinóticos como do Evangelho de São João, para escutar a autêntica voz. Em segundo lugar, são muito importantes os grandes concílios, sobretudo o Concílio de Calcedônia, assim como os sucessivos Concílios que declararam o significado dessa grande fórmula sobre Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro homem. A novidade de que realmente é Filho de Deus, e realmente homem, não é uma aparência, pelo contrário, une Deus ao homem. Em terceiro lugar, sugiro aprofundar no mistério pascal: conhecer este mistério do sofrimento e da ressurreição do Senhor e deste modo conhecer o que é a Redenção. A novidade de que Deus, na pessoa de Jesus, sofre, leva nossos sofrimentos, compartilha nossa vida, e deste modo cria o passo à autêntica vida na Ressurreição. Trata-se de todo o problema da libertação da vida humana, que hoje está compreendida no mistério pascal, por uma parte se relaciona com a vida concreta de nosso tempo e, por outra, representa-se na liturgia. Parece-me central precisamente este nexos entre liturgia e vida, ambas fundadas no mistério pascal.

O que o cardeal Ratzinger aprendeu que não sabia já o teólogo Ratzinger?

Cardeal Ratzinger: A substância de minha fé em Cristo seguiu sendo sempre a mesma: conhecer este homem que é Deus que me conhece, que, como diz São Paulo, se entregou por mim. Está presente para ajudar-me e guiar-me. Esta substância continuou sendo sempre igual. No transcurso

de minha vida li os Padres da Igreja, os grandes teólogos, assim como a teologia presente. Quando eu era jovem, era determinante na Alemanha a teologia de Bultmann, a teologia existencialista; depois foi mais determinante a teologia de Moltmann, teologia de influência marxista, por assim dizer. Diria que no momento atual o diálogo com as demais religiões é o ponto mais importante: compreender como por uma parte Cristo é único, e por outra parte como responde a todos os demais, que são precursores de Cristo, e que estão em diálogo com Cristo.

Que deve fazer uma Universidade católica, portadora da verdade de Cristo, para fazer presente a missão evangelizadora do cristianismo?

Cardeal Ratzinger: É importante que em uma Universidade católica não se aprenda só a preparação para uma certa profissão. Uma Universidade é algo mais que uma escola profissional, na qual aprendo física, sociologia, química... é muito importante uma boa formação profissional, mas se for só isto não seria mais que um prédio de escolas profissionais diferentes. Uma Universidade tem de ter como fundamento a construção de uma interpretação válida da existência humana. À luz deste fundamento, podemos ver o lugar que ocupa cada uma das ciências, assim como nossa fé cristã, que deve estar presente a um alto nível intelectual.

Por este motivo, na escola católica, tem de se dar uma formação fundamental nas questões da fé e sobretudo um diálogo interdisciplinar entre professores e estudantes para que juntos possam compreender a missão de um intelectual católico em nosso mundo.

Ante a busca atual de espiritualidade, muita gente recorre à meditação transcendental. Que diferença há entre a meditação transcendental e a meditação cristã?

Cardeal Ratzinger: Em poucas palavras, diria que o essencial da meditação transcendental é que o homem se apropria do próprio eu, une-se com a universal essência do mundo; portanto, fica um pouco despersonalizado. Pelo contrário, na meditação cristã, não perco minha personalidade, entro em uma relação pessoal com a pessoa de Cristo, entro em relação com o "Tu" de Cristo, e deste modo este "eu" não se perde, mantém sua identidade e responsabilidade. Ao mesmo tempo abre-se, entra em uma unidade mais profunda, que é a unidade do amor que não destrói. Portanto, diria em poucas palavras, simplificando um pouco, que a meditação transcendental é impessoal, e neste sentido "despersonalizante". Enquanto que a meditação cristã "é personalizante" e abre a uma unidade profunda que nasce do amor e não da dissolução do eu.

O senhor é prefeito para a Congregação para a Doutrina da Fé, o que antes se chamava a Inquisição. Muita gente desconhece os dicastérios vaticanos. Crêem que é um lugar de condenação. Em que consiste seu trabalho?

Cardeal Ratzinger: É difícil responder a isto em duas palavras: temos duas seções principais: uma disciplinar e outra doutrinal.

A disciplinar tem de se ocupar de problemas de delitos de sacerdotes, que, infelizmente, existem na Igreja. Agora temos o grande problema da pedofilia, como sabeis. Neste caso, devemos sobretudo ajudar os bispos a encontrar os procedimentos adequados e somos uma espécie de tribunal de apelação: se alguém se sente tratado injustamente pelo bispo, pode recorrer a nós.

A outra seção, mais conhecida, é doutrinal. Neste sentido, Paulo VI definiu nossa tarefa como "promover" e "defender" a fé. Promover, ou seja, ajudar o diálogo na família dos teólogos do mundo, seguir este diálogo, e alentar as correntes positivas, assim como ajudar as tendências menos positivas a conformar-se com as tendências mais positivas. A outra dimensão é defender: no contexto do mundo de hoje, com seu relativismo, com uma oposição profunda à fé da Igreja em

muitas partes do mundo, com ideologia agnóstica, atéia, etc., a perda da identidade da fé acontece com facilidade. Temos de ajudar a distinguir autênticas novidades, autênticos progressos, de outros passos que implicam uma perda de identidade da fé.

Temos à disposição dois instrumentos muito importantes para este trabalho, a Comissão Teológica Internacional, com 30 teólogos propostos por cinco anos com indicação dos bispos; a Comissão Bíblica, com 30 exegetas, também eles propostos pelos bispos. São foros de discussão para os teólogos para encontrar, por assim dizer, um entendimento internacional inclusive entre as diferentes escolas de teologia, e um diálogo com o Magistério.

Para nós é fundamental a colaboração com os bispos. Se for possível, devem resolver os problemas os bispos. Mas, com frequência, trata-se de teólogos que têm fama internacional e, portanto, o problema supera as possibilidades de um bispo, de modo que é levado à Congregação. Aqui promovemos o diálogo com estes teólogos para chegar, se for possível, a uma solução pacífica. Só em pouquíssimos casos dá-se uma solução negativa.

Este último ano foi difícil para os católicos pelo espaço que tiveram nos meios de comunicação os escândalos atribuídos a sacerdotes. Alguns falaram de campanha contra a Igreja. O senhor, o que pensa?

Cardeal Ratzinger: Também na Igreja os sacerdotes são pecadores, mas estou pessoalmente convencido de que a permanente presença de pecados de sacerdotes católicos na imprensa, sobretudo nos Estados Unidos, é uma campanha construída, pois a porcentagem destes delitos entre sacerdotes não é mais elevada que em outras categorias, ou talvez seja mais baixa. Nos Estados Unidos, vemos continuamente notícias sobre este tema, mas menos de 1% dos sacerdotes são culpados de atos deste tipo. A permanente presença destas notícias não corresponde à objetividade da informação nem à objetividade estatística dos fatos. Portanto, chega-se à conclusão de que é manipulada, que se quer desacreditar a Igreja. É uma conclusão muito lógica e fundada.

Debate-se o que fato de que nos preâmbulos da futura Constituição europeia apareça a palavra de Deus e referencias ao passado cristão da Europa. O senhor pensa que pode ter uma Europa unida de costas a seu passado cristão?

Cardeal Ratzinger: Estou convencido de que a Europa não deve ser só algo econômico, político, mas que tem necessidade de fundamentos espirituais. É um fato histórico que a Europa é cristã, e que cresceu sobre o fundamento da fé cristã, que segue sendo o fundamento dos valores para este continente, que por sua vez influenciou em outros continentes. Parece-me indispensável ter um fundamento de valores e, se nos perguntamos qual é este fundamento, damos-nos conta de que não há outro fora dos grandes valores da fé cristã, por cima das confissões, e por isso para mim é indispensável que nesta Constituição futura da Europa fale-se dos fundamentos cristãos desta Europa.

Não quero cair no erro de construir um catolicismo político. A fé não indica imediatamente receitas políticas, mas indica os fundamentos. Por uma parte, a política tem sua autonomia, mas por outra parte não há uma separação total entre política e fé. Existem fundamentos da fé que criam depois um espaço livre para a razão política. Portanto, a pergunta é o que é que pertence a estes fundamentos para que possa funcionar a política. Quais são os aspectos que devem ser deixados livres?

Em primeiro lugar, é fundamental ter uma visão moral antropológica e aqui a fé nos dá a luz. Para ter esta visão antropológica, que garante a liberdade da razão política, é necessária a pessoa de Deus? Estou convencido de que uma moral que não conhece Deus se fragmenta e, portanto, ao

menos a grande intuição de que há um Deus que nos conhece e nos indica a figura do homem, como imagem de Deus, pertence a estes fundamentos. Também [citar a Deus] não é um ato de violência contra ninguém, não destrói a liberdade de ninguém, mas abre a todos o espaço livre para poder construir uma vida realmente humana, moral.

Há professores de seminário do País Basco que chegam a justificar o terrorismo do ETA ou não o condena taxativamente. Parece que há conexões entre estes sacerdotes e a teologia da libertação. Fala-se inclusive de uma Igreja indígena basca. Que decisões se podem tomar contra isso?

Cardeal Ratzinger: Neste caso se aplica simplesmente o que a Congregação para a Doutrina da Fé disse entre os anos 1984 [instrução "Libertatis nuntius", e 1986, instrução "Libertatis conscientia"] sobre a teologia da libertação. Certamente o cristianismo se relaciona com a liberdade, mas a verdadeira liberdade não é uma liberdade política. A política tem sua autonomia, isto foi sublinhado sobretudo pelo Concílio Vaticano II e não deve ser construída pela fé como tal, deve ter sua racionalidade. Da Sagrada Escritura não se podem deduzir receitas políticas e muitos menos justificações do terrorismo. Parece-me que pelo que se refere a este caso específico, já está dito tudo nas duas instruções de nossa Congregação para a teologia da libertação. A novidade do messianismo cristão consiste em que Cristo não é imediatamente o messias político, que realiza a libertação de Israel, como se esperava. Este era o modelo de Barrabás, que queriam alcançar imediatamente inclusive com o terrorismo a libertação de Israel. Cristo criou outro modelo de libertação, que se realizou na comunidade apostólica, e na Igreja tal e como se constituiu, conformado, e testemunhado no Novo Testamento. Mas, como dizia, já tudo está dito nessas duas instruções.

Se fizermos um balanço da atividade inaudita do Papa João Paulo II, qual será a contribuição mais importante este papado? Como recordará o cristianismo a este Papa?

Cardeal Ratzinger: Não sou profeta, por isso não me atrevo a dizer o que dirão em cinquenta anos, mas creio que será sumamente importante o fato de que o Santo Padre tenha estado presente em todas as partes da Igreja. Deste modo, criou uma experiência sumamente viva da catolicidade e da unidade da Igreja. A síntese entre catolicidade e unidade é uma sinfonia, não é uniformidade. Disseram isso os Padres da Igreja. Babilônia era uniformidade, e a técnica cria uniformidade. A fé, como se vê em Pentecostes, onde os apóstolos falam todos os idiomas, é sinfonia, é pluralidade na unidade. Isto aparece com grande clareza no pontificado do Santo Padre com suas visitas pastorais, seus encontros.

Penso que alguns documentos serão importantes para sempre: quero mencionar as encíclicas "Redemptoris missio", a "Veritatis splendor", a "Evangelium vitae" e também "Fides et ratio". São quatro documentos que serão realmente monumentos para o futuro.

Por último, parece-me que se recordará sua abertura às demais comunidades cristãs, às demais religiões do mundo, ao mundo profano, às ciências, ao mundo político. Nisto, ele fez sempre referência à fé e a seus valores, mas ao mesmo tempo mostrou também que a fé é capaz de entrar em diálogo com todos.

Qual é a contribuição de João Paulo II ao diálogo inter-religioso?

Cardeal Ratzinger: O Santo Padre vê sua missão própria uma missão de conciliação no mundo, uma missão de paz. Enquanto no passado infelizmente se davam guerras de religião, o Santo Padre quer mostrar que a justa relação entre as religiões não é a guerra, não é a violência, é o diálogo e o intento de compreender os elementos de verdade que se dão nas demais religiões. O Santo Padre

não pretende relativizar a unicidade de Cristo, que é o Caminho, a Verdade e a Vida, mas quer mostrar que esta verdade sobre Cristo não pode anunciar-se com violência ou com o poder humano, mas só com a força da verdade. E para isso requer-se um contato humano de diálogo e de amor, como fizeram os apóstolos na grande missão da Igreja antiga: sem servir-se do poder mundano, utilizando a força da convicção. O testemunho do sofrimento, o testemunho da caridade e do diálogo convenceu o mundo antigo. O Santo Padre trata simplesmente de renovar esta força de diálogo e de amor dos primeiros séculos na relação com as religiões.

Foi dito que é necessário convocar um Concílio Vaticano III para que a Igreja vá se adaptando aos novos tempos. O que o senhor acha?

Cardeal Ratzinger: Antes de tudo, eu diria que é um problema prático. Não realizamos suficientemente a herança do Vaticano II, estamos trabalhando ainda para assimilar e interpretar bem esta herança, pois os processos vitais requerem tempo. Uma medida técnica se pode aplicar rapidamente, mas a vida tem caminhos muito mais longos. Requer-se tempo para que cresça um bosque, requer-se tempo para que cresça um homem... Deste modo, estes caminhos espirituais, como o da assimilação de um Concílio, são caminhos de vida, que têm necessidade de uma certa duração, e que não se podem percorrer de um dia para outro. Por isso, creio que não chegou o momento de um novo Concílio. Este não é o problema primário, mas seria também um problema prático. No Vaticano II tivemos dois mil bispos e era já sumamente difícil poder ter uma reunião de diálogo; agora teríamos quatro mil bispos e creio que haveria que inventar técnicas para o diálogo.

Quero recordar algo que sucedeu no século IV, século de grandes concílios. Quando convidaram, dez anos depois de um concílio, São Gregório Nazianzeno a participar em um novo concílio, disse: "Não! Eu não vou. Agora temos de seguir trabalhando sobre o outro. Temos tantos problemas. Para que quereis convocar imediatamente outro?". Creio que esta voz um pouco emotiva mostra-nos que se requer tempo para assimilar um concílio.

No tempo intermediário entre dois grandes concílios, são necessárias, sobretudo, outras formas de contato entre os episcopados: os Sínodos em Roma, por exemplo. É necessário sem dúvida melhorar o procedimento, pois há muitos monólogos. Temos de encontrar realmente um processo sinodal, de um caminho em comum. Depois estão os sínodos continentais, regionais, etc. O trabalho efetivo das Conferências Episcopais. O encontro das Conferências Episcopais com a Santa Sé. Nós [na Cúria romana] vemos no transcurso de cinco anos todos os bispos do mundo. Melhoramos muito estas visitas "ad limina", que antes eram muito formais e que agora são autênticos encontros de diálogo. Portanto, temos de melhorar estes instrumentos para ter um permanente diálogo entre todas as partes da Igreja e entre todas as partes com a Santa Sé, para chegar a uma melhor aplicação do Concílio Vaticano II. E depois veremos...

Como manter a fidelidade à Igreja e favorecer a comunhão, estando abertos a que o Espírito nos leve até a verdade completa. Ou seja, como é possível não cair no extremo de rigidez e ruptura?

Cardeal Ratzinger: Creio que é uma questão sobretudo da maturidade da fé pessoal. Aparentemente, fidelidade e abertura parecem excluir-se. Mas eu creio que a autêntica fidelidade ao Senhor Jesus, e a sua Igreja, que é seu Corpo, é uma fidelidade dinâmica. A verdade é para todos e todos estão criados para chegar ao Senhor. Seus braços abertos na cruz simbolizam para os Padres da Igreja ao mesmo tempo a máxima fidelidade, o Senhor cravado na cruz, e o abraço ao mundo, para atrair o mundo para si, e deixar espaço a todos. Portanto, uma autêntica fidelidade ao Senhor participa no dinamismo da pessoa de Cristo, que pode abrir-se aos diferentes desafios da realidade, do outro, do mundo, etc. Mas, ao mesmo tempo, encontra aí sua identidade profunda, que não exclui nada que seja verdadeiro, só exclui a mentira. Na medida em que entramos em comunhão com Cristo, em seu amor que nos aceita a todos e nos purifica a todos, na medida em que

participamos na comunhão com Cristo, podemos ser fiéis e abertos.

Em que situação se encontra atualmente a comunicação ecumênica do conceito de Igreja? Depois da instrução "Dominus Iesus" (6 de agosto de 2000), da Congregação para a Doutrina da Fé, deram-se críticas entre representantes das Igrejas evangélicas, pois não aceitaram ou não entenderam bem declarações suas, pois o senhor dizia que mais que Igrejas deviam ser consideradas como comunidades cristãs.

Cardeal Ratzinger: O tema exigirá uma discussão longa. Em primeiro lugar, foi nos dito que, se na "Dominus Iesus" só tivéssemos falado do caráter único de Cristo, toda a cristandade teria ficado encantada com este documento, todos teriam se unido em um aplauso à Congregação. "Por que haveis acrescentado o problema eclesiológico que suscitou críticas?", perguntaram-nos.

Contudo, era necessário falar também da Igreja, pois Jesus criou este Corpo, e Ele está presente através dos séculos através de seu Cristo, que é a Igreja. A Igreja não é um espírito que revoa. Estou convencido de que [na "Dominus Iesus"] interpretamos de maneira totalmente fiel a "Lumen Gentium" do Vaticano II, enquanto que nestes últimos trinta anos fomos atenuando o texto. De fato, nossos críticos nos disseram que ficamos na letra do Concílio, mas que não entendemos o Concílio. Ao menos reconhecem que somos fiéis à letra.

A Igreja de Cristo não é uma utopia ecumênica, não é algo que fazemos nós, não seria a Igreja de Cristo. Por isso, estamos convencidos de que a Igreja é um Corpo, não é só uma idéia, mas isto não exclui diferentes modos de uma certa presença da Igreja inclusive fora da Igreja Católica que são especificados pelo Concílio. Parece-me evidente que existem, portanto, matizes, e é compreensível que isto gere debates dentro da Igreja.

Pensa que a Igreja, especialmente no mundo ocidental, está preparada para enfrentar a descristianização e o vazio da fé tão grande que há? Ou ainda se dá entre os homens da Igreja uma visão de cristandade, e não de uma Igreja missionária?

Cardeal Ratzinger: Creio que neste sentido temos muito que aprender. Ocupamo-nos muito de nós mesmos, das questões estruturais, do celibato, da ordenação das mulheres, dos conselhos pastorais, dos direitos destes conselhos, dos sínodos... Trabalhamos sempre sobre nossos problemas internos e não nos damos conta de que o mundo tem necessidade de respostas, não sabe como viver. Esta incapacidade de viver do mundo se vê na droga, no terrorismo, etc. portanto, o mundo tem sede de respostas, e nós ficamos em nossos problemas. Estou convencido de que se saímos ao encontro dos demais e apresentamos aos demais de maneira apropriada o Evangelho, se relativizarmos e resolveremos os problemas internos. Para mim, este é um ponto fundamental: temos de fazer o Evangelho acessível ao mundo secularizado de hoje.

Qual crê que possa ser o ponto de partida para coordenar o crescimento do poder técnico e científico da humanidade com a fé e a moral?

Cardeal Ratzinger: É algo que há que descobrir de novo, pois os paradigmas científicos mudam, e deste modo a situação do diálogo entre ciência e fé se encontra ante novos desafios. Um instrumento importante, por exemplo, é a Academia Pontifícia das Ciências, da qual agora sou também membro, e de fato há pouco participei pela primeira vez em uma de suas reuniões. Até agora era somente uma assembléia de cientistas: físicos, biólogos, etc; agora entraram também filósofos e teólogos. Vimos que é difícil o diálogo entre as ciências e a filosofia e a teologia, pois são modos totalmente diferentes de enfrentar a realidade, com métodos diferentes, etc. Um destes acadêmicos, era especialista na investigação do cérebro humano, disse: existem dois mundos inconciliáveis, por uma parte temos a ciência exata, para a qual, em seu campo, não há liberdade,

não há uma presença do espírito, e por outra parte, dou-me conta de que sou um homem e sei que sou livre. Portanto, segundo ele, são dois mundos diferentes e não temos a possibilidade de conciliar estas duas percepções do mundo. Ele mesmo reconhecia que acreditava nos dois mundos: na ciência que nega a liberdade e em sua experiência de homem livre. Mas deste modo não podemos viver, seria uma esquizofrenia permanente. Nesta situação atual de uma aguda especialização metodológica por parte de ambas partes devemos buscar a maneira na qual se descubra a racionalidade do outro e encontrar um autêntico diálogo. Pelo momento, não existe uma fórmula. Por isso, é sumamente importante que se encontrem expoentes das duas partes do pensamento humano: as ciências, e a filosofia e a teologia. Assim podem descobrir que ambas são expressões da razão autêntica, mas devem compreender que a realidade é uma e que o homem é um. Por isso, é muito importante que, nas Universidades, as faculdades não estejam uma junto à outra, mas que estejam em um contato permanente, no qual aprendemos a pensar com os demais e a encontrar a unidade da realidade.

Fonte: Agência de Notícias ZENIT